



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

Discurso Durante Jantar Oferecido ao Presidente dos Estados Unidos da América

O Brasil sente-se honrado por receber o líder de uma democracia exemplar. A presença de Vossa Excelência, Presidente Bush, é marco de um processo notável de aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos. Hoje são muitos os fatores que nos unem, são muitos os temas de uma agenda que tem conotações positivas.

Hoje, estamos próximos por ideais de liberdade e estamos próximos por vínculos em todos os campos do intercâmbio das nações.

A visita de Vossa Excelência ocorre em momento histórico marcado por progressos relevantes, mas também por grandes desafios no panorama internacional. As lideranças mundiais vivem horas de satisfação e, ao mesmo tempo, de justificada preocupação. O otimismo diante do horizonte promissor formado nos últimos meses deve ser temperado pela realidade nem sempre feliz dos acontecimentos, pela verdade dramática das condições de pobreza em que ainda sobrevivem dois terços da humanidade.

O sofrimento de bilhões de homens, mulheres e crianças, em todo o mundo, terá de transformar-se na questão número

um das relações internacionais. Não podemos permitir que, ao celebrado fim do bipolarismo ideológico, suceda um bipolarismo ainda mais profundo entre ricos e pobres. Quanto a isso, uma coisa é certa: não haverá paz sólida e duradoura se continuarem a prevalecer as noções que aceitam que a vida de uns valha mais do que a de outros.

«A democracia que se estabelece
hoje na América Latina é conquista
definitiva de nossos povos.»

A comunidade internacional deve ter como bandeira o princípio da solidariedade. Derrubados os muros do silêncio e do obscurantismo, não pode deixar de impor-se o fato de que os homens foram feitos iguais, e de que os homens têm direito à dignidade e à realização pessoais.

Essa é a base da democracia que queremos transformar em regime universal de convivência nacional e internacional. A democracia como indica a própria história dos Estados Unidos, só pode ser construída onde houver igualdade de oportunidades. Se queremos transformar o mundo numa grande democracia, temos que buscar oportunidades equilibradas para todos os povos.

A democracia é também o império da lei. Para que haja estabilidade na vida das nações, a lei internacional deve ser cabalmente cumprida, especialmente quando se traduz em decisões emanadas do órgão máximo de deliberação coletiva, que são as Nações Unidas. O Brasil e os Estados Unidos estão juntos, neste momento, na defesa da realização dos princípios básicos da Carta da ONU e das decisões específicas da Organização. A ONU deve ser matriz para inspirar as soluções pacíficas e, diante das crises como a que vivemos hoje no Golfo Pérsico, tenho certeza de que todas as iniciativas para a paz serão tentadas. Assim, nossos países defendem juntos a perspectiva de um mundo melhor, de verdadeira segurança e cooperação.

A democracia que se estabelece hoje na América Latina é conquista definitiva de nossos povos. Nada a abaterá.

«Temos de apagar da memória
a impressão de que só
o autoritarismo traz
o pão e a casa.»

Sabemos que a liberdade faz o bom governo. Sabemos, também, que a democracia latino-americana enfrenta o desafio do desenvolvimento. Temos de apagar da memória a impressão de que só o autoritarismo traz o pão e a casa. Historicamente, não foi assim. O autoritarismo promove um desenvolvimento perverso, porque impõe desequilíbrios inaceitáveis na distribuição de renda e fere a dignidade do cidadão. A nossa democracia criará condições de justiça social. E nossos parceiros, especialmente aqueles países onde nasceu a democracia, hão de participar solidariamente de nossos esforços, auxiliando o encaminhamento de questões prementes como a da dívida externa e de outras que são requisitos para a retomada do desenvolvimento.

Senhor Presidente,

Pela terceira vez desde minha eleição no final do ano passado, tivemos hoje ocasião de conversar sobre a conjuntura internacional e sobre as relações entre nossos países. Vejo com alegria que nesse período já conseguimos um avanço importante: o tom de nosso diálogo é dado agora pelas coincidências, não mais pelas discrepâncias. Estamos seguindo o único caminho construtivo — o reconhecimento sereno das naturais divergências e a disposição permanente para solucioná-las, pela via do entendimento, da negociação e do respeito mútuo.

O Brasil e os Estados Unidos são duas nações unidas por relacionamento de grande intensidade e variedade, apesar das diferenças de grau de desenvolvimento que nos distinguem. É natural que existam entre nós perspectivas diversas, e até conflitantes, em algumas questões. É fundamental que nossa parceria

parta exatamente dessa premissa, de que nossa vontade tópica pode discrepar no dia de hoje porque estamos unidos por ideais e expectativas para o futuro de nossos compatriotas e de todos os homens.

«O Plano Bush surge como sinal da disposição dos Estados Unidos de compor uma agenda construtiva com a América Latina.»

Tratamos hoje pela manhã de cinco dos temas mais importantes de nossa agenda bilateral: a Iniciativa para as Américas, mais conhecida aqui como Plano Bush; as questões da dívida externa; do desenvolvimento e do acesso à ciência e à tecnologia; da «Rodada Uruguai» do GATT; e do meio ambiente.

O Plano Bush surge como sinal da disposição dos Estados Unidos de compor uma agenda construtiva com a América Latina e de atribuir efetiva prioridade à cooperação econômica com nossa região. A iniciativa coincide com uma fase crucial de afirmação do processo integracionista latino-americano que vai fortalecer nossas economias e dar-nos novas possibilidades para uma presença mais efetiva no dia-a-dia da comunidade internacional. Vejo no Plano Bush a perspectiva promissora de conciliarmos definitivamente a unidade dos povos latino-americanos com o fortalecimento da cooperação hemisférica.

Em matéria de dívida externa, manifesto minha satisfação pela forma como Vossa Excelência tratou do assunto em entrevista a jornal brasileiro, que me permito citar: «Os Estados Unidos estão ansiosos para ver uma solução de longo prazo que seja consistente com a estratégia internacional da dívida e dê ao Brasil a oportunidade de recobrar a saúde econômica por meio do crescimento econômico e do comércio». Espero que essa atitude seja difundida junto aos governos e às sociedades não só dos Estados Unidos, mas também dos demais países credores e

organismos financeiros internacionais. Conto com a sua sensibilidade e com a sua liderança para que esse objetivo se realize.

«O Brasil não culpa outros países
por seus problemas
de desenvolvimento.»

O Brasil quer fazer, para a dívida, um acordo que seja capaz de cumprir. Buscamos assumir um compromisso sério com os credores e, sobretudo, com o povo brasileiro. No passado, quando se firmaram acordos de cumprimento inviável, não deixou de haver para nossa gente um elevado custo social. O meu governo não pode exigir mais sacrifícios se não estiver convencido de que desta vez esses esforços são o preço de uma solução consistente, equilibrada e factível. Os compromissos públicos devem ser resolvidos com prudência, pois envolvem os interesses de várias gerações.

A economia brasileira atravessa momento difícil. Estamos implementando um forte programa de reformas que visa à recuperação da capacidade de crescer. Temos um quadro sócio-econômico de desigualdades e carências que precisamos corrigir com urgência; ele é incompatível com a estabilidade social e com a dignidade humana. Esse fato requer lucidez e compreensão por parte dos credores. Não estamos tratando de um problema bancário, e sim de uma questão que envolve 150 milhões de pessoas de um dos maiores e mais importantes países do mundo.

O Brasil não culpa outros países por seus problemas de desenvolvimento. Temos perfeita consciência de nossa responsabilidade histórica pelo que somos, mas não podemos deixar de reconhecer dificuldades decorrentes de nossa interação com o meio internacional.

«O livre acesso à informação
é um dos fundamentos
da democracia.»

Devo assinalar a preocupação do Brasil com a multiplicação dos obstáculos que bloqueiam o acesso ao conhecimento científico e tecnológico. Num momento em que as considerações estratégico-militares perdem peso relativo, esses obstáculos só podem servir ao aumento da distância que separa países desenvolvidos e em desenvolvimento. Não são um bom caminho para a construção de um mundo seguro e podem, ao contrário, torná-lo mais instável, à medida que a maior parte da humanidade vê ao longe, mas não alcança, os benefícios do progresso.

O livre acesso à informação é um dos fundamentos da democracia: se ele vale para o desenvolvimento político, deve valer também para o desenvolvimento econômico.

Na semana passada, para acabar de uma vez por todas com argumentos usados para restringir nosso acesso à tecnologia de ponta, assinei com o Presidente Menem entendimento no sentido de abrir negociações com a Agência Internacional para a Energia Atômica, sobre um acordo de salvaguardas que incorpore ajustes próprios do sistema de contabilidade e controle. A essa prova de transparência em suas relações exemplares com a Argentina, o Brasil já se antecipara ao renunciar unilateralmente à possibilidade de fazer explosões nucleares, ainda que com fins pacíficos. Estamos agora empenhados em que se estabeleçam as condições para plena vigência do Tratado de Tlatelolco.

O Brasil e a Argentina deram um exemplo ao mundo de que a democracia é a melhor base para a amizade e de que a amizade é a única via para a construção da verdadeira paz.

O Brasil e os Estados Unidos compreendem que, na «Rodada Uruguai» do GATT, estamos diante de decisões históricas. Ali podemos mudar os rumos do sistema econômico internacional e iniciar uma era em que a liberdade de intercâmbio seja o pilar do crescimento sadio das nações. O Brasil está aberto ao

mundo e faz agora notável esforço de liberalização comercial para alcançar uma inserção mais competitiva na economia global. Filosoficamente unidos na defesa do livre comércio, Brasil e Estados Unidos trabalham juntos para remover os impedimentos maiores ao bom êxito das negociações que hão de ter resultados equilibrados e de significar a vitória definitiva sobre o protecionismo.

«As dificuldades econômicas
não impediram que o Brasil
assumisse uma posição
de vanguarda na defesa
internacional do meio ambiente.»

As dificuldades econômicas que enfrentamos não impediram que, apesar dos sacrifícios necessários, o Brasil assumisse uma posição de vanguarda na defesa internacional do meio ambiente. Deixamos a posição de alvo prioritário das críticas da opinião pública mundial para nos transformar em líderes da cruzada pela conciliação do desenvolvimento econômico com o respeito à natureza, inclusive porque uma das causas fundamentais da destruição da natureza é o subdesenvolvimento. O Brasil não vai repetir os erros cometidos nos países que se industrializaram antes de nós. O Brasil continuará a lançar um grito de alerta para a necessidade de um novo modelo de desenvolvimento internacional, um modelo onde haja menos desperdício e mais sentido de harmonia com o meio ambiente, um modelo onde todos tenham acesso às chamadas tecnologias limpas.

Estou convidando todos os Chefes de Estado e de Governo a comparecerem à Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que o Brasil sediará em 1992. Renovo, agora, o convite para que Vossa Excelência nos honre com a sua presença nessa ocasião.

A natureza não é apenas a paisagem em que vivemos, é a própria essência de nossa vida. Está em jogo nada menos do que o futuro do homem na face da Terra.

Senhor Presidente,

O caminho do diálogo nas relações externas é consequência da democracia que praticamos internamente, é a trajetória que nunca abandonaremos, mas que agora vamos dinamizar e consolidar.

É por esse caminho, o caminho que trouxe Vossa Excelência a Brasília, que convido os presentes a erguer comigo um brinde pela saúde e felicidade do Presidente George Bush, pela prosperidade do povo norte-americano e pelo progresso das relações entre Brasil e Estados Unidos.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
durante jantar oferecido ao
Presidente dos Estados Unidos da América,
George Bush, em Brasília, DF,
no dia 3 de dezembro de 1990.*